

Cadernos de estágio

Formação inicial de um professor de Português: relato de experiência de Estágio Supervisionado

Said Slaibi Araujo

Informações

saidslaibi@gmail.com

Como citar este texto

ARAUJO, Said Slaibi. Formação inicial de um professor de português: relato de experiência de estágio supervisionado. *Cadernos de Estágio*, v. 7, n. 1, 2025. DOI: [10.21680/2763-6488.2025v7n1ID37805](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2025v7n1ID37805)



O presente relato é fruto das experiências vivenciadas ao longo de duas disciplinas obrigatórias de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa. Como parte das atividades propostas pela ementa das disciplinas, realizei a observação e a regência das aulas em uma escola da rede pública estadual no município de Viçosa - Minas Gerais. É necessário salientar que o contexto de observação e de regência se deu no ano de 2022, momento de retomada definitiva do ensino presencial depois de um período de ensino remoto em razão da pandemia de Covid-19. Desse modo, as circunstâncias eram de um retorno após um período conturbado na saúde pública do país e do mundo.

A observação das aulas na escola se tratou do meu primeiro contato com o ensino de Língua Portuguesa na educação básica em uma posição que não fosse somente a de aluno. Embora a minha formação acadêmica tenha sido no formato de dupla habilitação (Português e Francês), havia me engajado, até aquele momento, somente em atividades voltadas para o ensino de português para estrangeiros ou para o francês como língua estrangeira, sendo nesta última atividade meu maior foco, por meio das atividades de monitoria na graduação ou pelo Curso de Extensão em Língua Francesa - UFV. Para Milanesi (2012):

1 A pandemia de Covid-19 exigiu, dentre outras coisas, a adoção de medidas de higienização, distanciamento e redução de aglomerações. Na educação, um dos principais impactos foi a migração das aulas presenciais para o ambiente remoto, o que exigiu uma adaptação, tanto dos professores como dos alunos, a esse novo formato de aulas. Pesquisas que avaliam o impacto dessa mudança abrupta de cenário no processo de ensino e aprendizagem ainda seguem sendo divulgadas.

O estágio é um período muito importante na formação inicial dos professores e esperado pelos estudantes dos cursos de licenciatura com muita expectativa. Para muitos estudantes, o único contato que tiveram até então com a sala de aula foi na condição de alunos, mas agora os papéis se invertem, tendo que assumir a função de professor, por isso esses estudantes carregam consigo muita ansiedade (Milanesi, 2012, p. 210).

Este era, portanto, um momento carregado de bastante carga emocional e de expectativas para o sucesso na regência, quando ela fosse realizada. As observações e as aulas da regência ocorreram em uma turma de segundo ano, que contava com 37 alunos regularmente matriculados.

As aulas de Língua Portuguesa abarcavam conteúdos de Português, Produção de Texto e Literatura, e eram orientadas pelo livro didático. Durante as observações notei que os estudantes gostavam muito de música e conversavam frequentemente sobre isso. Além disso, durante os intervalos, quase todos estavam de fones de ouvido e escutavam alguma coisa.

Isso me deu a ideia de propor, como projeto de sequência didática para a regência, aulas que trouxessem a música como ponto de partida para trabalhar com os advérbios. Este conteúdo gramatical foi decidido em conjunto com o professor regente da disciplina, conforme o

seu planejamento para o bimestre. Apresentei a proposta de trabalho da regência e ele aceitou prontamente a ideia.

De modo geral, o intuito era desenvolver uma aula expositiva-dialogada, que permitisse aos estudantes expressarem seus gostos pessoais, mas sem perder de vista o conteúdo da aula. A sequência didática começou com a divisão dos estudantes em grupos. Realizamos uma troca sobre os conhecimentos prévios que os estudantes já tinham sobre os advérbios. Os alunos foram falando e eu fui anotando as respostas no quadro, numa execução de uma tempestade de ideias, mediando suas respostas quando preciso.

Em seguida, fomos para o livro didático, na parte dos advérbios, e fizemos o estudo do material, com a realização dos exercícios propostos pelo livro. Depois, perguntei se eles gostavam de música, quais gêneros tinham costume de escutar, quais artistas e em que períodos do dia eles mais escutavam música. Os alunos se mostraram muito interessados em responder a essas perguntas. Como próxima etapa, entreguei a cada grupo uma letra de música impressa e pedi para que os estudantes identificassem os advérbios nas letras e explicassem as circunstâncias que eles expressavam, tendo em vista as nuances de sentido que os advérbios podem trazer para a canção.

Expliquei que, quando todos os grupos terminassem a análise, cada grupo ficaria responsável por apresentar a música analisada, quais foram os advérbios se-

lecionados, qual circunstância cada advérbio expressava e quais eram os efeitos gerados pelos advérbios na letra. Essa apresentação final seria parte da avaliação, em conjunto com a observação da participação e do envolvimento dos alunos durante a aula.

Em Barcelos e Aragão (2018) vemos como as questões emocionais estão intimamente associadas ao processo de ensino e aprendizagem, envolvendo aí alunos e professores. Um dos maiores receios desde o começo das observações era de que as aulas fossem maçantes para os estudantes, algo proveniente de uma insegurança com relação às atividades propostas, que poderiam ser vistas pelos estudantes como entediantes por não dialogarem com eles. Isso me causava uma preocupação constante, que cresceu à medida que o momento de aplicação das aulas estava chegando. No entanto, durante todas as aulas os alunos foram extremamente colaborativos, trabalharam bem em equipe e se mostraram motivados com as atividades aplicadas. Isso foi um grande alívio. Ao final da regência, alguns alunos elogiaram as aulas e disseram que tinham gostado desse modelo de aprender um conteúdo gramatical.

Tudo isso contribuiu para que eu pudesse ampliar minha capacidade de pensar em atividades diferenciadas, que estimulassem tanto a participação dos alunos quanto o trabalho em grupo. Reconheço, contudo, que no cotidiano de um professor que, normalmente, no Bra-

79

sil, tem salas de aula muito cheias e um alto número de horas trabalhadas por semana, é muito difícil trazer de forma constante propostas de aulas que fujam do habitual.

O estágio obrigatório, por promover a possibilidade de relacionar a teoria vista ao longo do curso de graduação com a prática do profissional já formado, se configura como oportunidade que auxilia grandemente na formação docente, desempenhando um papel crucial para formar bons profissionais da educação. As aulas observadas foram de grande ajuda para compreender melhor a realidade do professor brasileiro em sala de aula da Educação Básica pública. Foi possível observar toda a dinâmica social do espaço escolar, em especial a dinâmica no interior da sala de aula e as estratégias adotadas para resolução de problemas na tentativa de garantir um processo de ensino-aprendizagem efetivo, e refletir sobre todas essas questões. Um ponto positivo foi ter tido uma resposta tão favorável dos alunos.

Considerei a realização do estágio como uma chance para evoluir um pouco mais como profissional da área da educação. Com a visão não mais de aluno, mas de professor, pude perceber o espaço escolar com outros olhos. Conforme as palavras de Freire (1991): “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se for-

ma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (Freire, 1991, p. 58).

Dessa forma hoje, na minha prática profissional, mobilizo as reflexões feitas ao longo (e após) o período de estágio obrigatório. Com isso, é possível adaptar a minha prática docente no ensino de língua portuguesa prestando atenção às necessidades e às especificidades dos alunos, entendendo que cada sala de aula será um espaço único. Por fim, estendo um agradecimento às professoras responsáveis por terem ministrado as disciplinas de estágio supervisionado na graduação e ao professor regente da disciplina de Língua Portuguesa na escola, que tão bem me acolheu como estagiário em sua sala de aula.

Referências bibliográficas

BARCELOS, A.M.F.; ARAGÃO, R.C. Emotions in Language Teaching: A Review of Studies on Teacher Emotions in Brazil. **Chinese Journal of Applied Linguistics.** v. 41, n. 4, p- 506-531, Out. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330782561_Emotions_in_Language_Teaching_A_Review_of_Studies_on_Teacher_Emotions_in_Brazil. Acesso em: 10 jun. 2025.

FREIRE, P. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez, 1991.

MILANESI, I. Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares. **Educar em Revista**, Editora UFPR: Curitiba, v. 28, n. 46, p. 209-227, Out./Dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/25966>. Acesso em: 10 jun. 2025.